

## A CRÍTICA ESTRUTURALISTA

### **META**

Apresentar as ideias que fundamentam o pensamento estruturalista.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

compreender as características principais do estruturalismo;

articular o pensamento estruturalista à crítica literária;

conhecer as relações teóricas entre o Círculo Linguístico de Praga e o formalismo russo e aplicar seus conceitos à leitura do texto literário.

## INTRODUÇÃO

### Julia Kristeva

N a s c i d a n a Bulgária em 1941 e radicada na França, Kristeva é filósofa, psicanalista e crítica literária. Destaca-se no cenário da crítica estruturalista. Em suas várias obras fala de questões relativas à semiologia, à literatura, à saúde mental, à organização social contemporânea entre outros temas. É também considerada uma feminista.

### Círculo Linguístico de Praga

Foi criado por estudiosos tchecos como os linguistas Vilém Mathesius, Jan Rypka e de russos como Roman Jakobson, Nikolai Trubetzkói, Karshevski e o etnólogo e pesquisador do folclore P. Bogatyriov, entre outros.

Vamos agora falar de uma nova linha de pensamento surgida no século XX. Não se trata de nova porque de seus conteúdos nada havia sido falado anteriormente, mas porque, mesmo lançando mão também de algumas ideias já conhecidas, faz elaborações que levam a abordagens com outra forma de linguagem e também com outra visão do objeto estudado. Contudo, você vai perceber que esta nova corrente crítica também é imanentista do mesmo modo que são a fenomenologia, o formalismo russo e a nova crítica.

Em um breve artigo sobre o que está “Para além da fenomenologia da linguagem”, **Julia Kristeva** esboça em poucas palavras o contexto político-filosófico em que se deu o **boom** de teorias literárias e artísticas voltadas para a compreensão das obras literárias a partir de seus próprios elementos constituintes, de suas relações internas e de suas possibilidades de contínuas e variadas reelaborações.

Na esteira dessa nova forma de pensamento está o **Círculo Linguístico de Praga**, criado em 1926, que teve como referencial teórico ideias da fenomenologia e do formalismo russo. Na verdade, alguns dos fundadores da OPOIAZ (Associação para o Estudo da Linguagem Poética – 1917), fugindo do regime político stalinista, foram morar na Tchecoslováquia (hoje República Tcheca) e lá, reunindo-se a linguistas nativos, criaram o Círculo Linguístico de Praga.

Entretanto, se por um lado, o pensamento dos formalistas foi vital para o Círculo, por outro, algumas modificações foram operadas em conceitos que vinham da teoria destes formalistas. É o que ocorre com a noção de procedimento (pela qual a obra é o modo de “dispor e elaborar o material verbal (CHKLOVSKI, 1976, p. 41)) que vai ser substituída pela de “estrutura”. Outra particularidade é a visão que o Círculo, com Jakobson, sustenta sobre a “função poética” da linguagem. Para Jakobson, essa função tem sua própria especificidade, ou seja, tem um estatuto próprio. Ela é:

- a) um modo particular de funcionamento da linguagem, que afasta essa linguagem de sua condição de simples instrumento de comunicação no discurso cotidiano;
- b) o resultado de uma posição particular do emissor (o escritor ou o poeta) e do receptor (o leitor) diante da rede de signos, isto é, diante do texto;
- c) uma linguagem com natureza própria, que remete o receptor para ela mesma.

Embora tenha sido **Jan Mukarovsky** quem mais aplicou a noção de estrutura aos estudos literários, Jakobson – o estudioso das funções da linguagem, dentre as quais está a função poética – é tido como o primeiro

teórico a empregá-la em seu trabalho sobre o verso russo em estudo comparativo com o verso tcheco (1923).

Mas, afinal, se se está falando tanto em estrutura, o que eles entendiam mesmo por esse conceito? A estrutura era compreendida inicialmente como um conjunto de elementos que, dentro de uma hierarquia, realizavam uma função poética. Depois essa compreensão evoluiu para a idéia de que a estrutura é um sistema de relações que não só conferem identidade ao conjunto geral por meio dos elementos que o constituem, mas também revelam dois fatos: a) a oposição que existe entre esses elementos e b) a oposição desses elementos em relação ao conjunto geral. Em outras palavras, a estrutura passou a ser compreendida como um sistema de relações entre as partes que dá identidade ao todo, mas também pode mostrar a oposição das partes entre si e em relação a esse todo. À aplicação dessa linha de pensamento calcada na estrutura deu-se o nome de ESTRUTURALISMO.

A visão do estruturalismo voltado para o sistema literário, contudo, não pretende levar a obra a um fechamento sobre a estrutura formal em si mesma, a um isolacionismo estético, pois ao mesmo tempo em que a estrutura da obra é considerada como um todo dependente de suas partes e vice-versa, as entidades do mundo são vistas também como estruturas. Daí se poder falar em estrutura social, estrutura religiosa, estrutura mítica, estrutura ritual, estrutura política etc. Dessa forma, é possível estabelecerem-se relações entre estruturas da obra e estruturas da sociedade, havendo o que Jakobson e Yuri Tynianov consideravam uma interação de estruturas, ideia essa mais extensamente trabalhada por Mukarovsky no próprio Círculo de Praga. Essa interação entre estruturas nos diversos campos do conhecimento como artístico, social, político etc. torna possível, inclusive, o surgimento de mudanças nas próprias estruturas da realidade e da literatura.

É importante salientar ainda que o estruturalismo não está restrito à literatura ou à lingüística. Ele se estende a várias outras áreas da ciência. Apesar do costume de se falar em método estrutural, a rigor, como comenta Mattoso Câmara, o estruturalismo não é um esquema metodológico de investigação de um objeto do conhecimento; não é um método. É uma posição em que o observador se coloca para analisar um campo da ciência. Logo, não é um método sistematicamente organizado para ser seguido por um crítico na análise de um texto. R.L. Trask (2004, p. 100) diz que o estruturalismo é

uma abordagem no estudo da linguagem que considera os idiomas como sistemas estruturados. Antes do século XX, os linguistas adotaram a respeito das línguas uma perspectiva atomística: eles assumiram os idiomas essencialmente como coleções de elementos individuais tais como os sons da fala, as palavras e as desinências gramaticais. No início do século XX o linguista suíço Ferdinand de Saussure introduziu uma perspectiva muito diferente: ele defendeu

### Jan Mukarovsky

(1891-1975)  
Filósofo tcheco. Participou do Círculo Linguístico de Praga e suas contribuições para a teoria da literatura o colocaram no nível de importância semelhante ao de Jakobson. Como outros estruturalistas também foi influenciado pelo Formalismo Russo, mas não se fechou nessa linha de pensamento. Defendia a ideia de que a obra de arte se realiza na interrelação de suas partes. Já em 1934 ele traz a ideia de que a arte tem uma dimensão semiológica, e é pela via desta semiologia da narrativa que ela se apresenta como o fato social.

a ideia de que se faz mais justiça às línguas considerando-as como sistemas estruturados, no interior dos quais cada elemento se define primordialmente pela maneira como está relacionado aos outros elementos. Segundo essa perspectiva, que recebeu o nome de estruturalismo, o objeto primário de estudo é o sistema, não os elementos particulares presentes no sistema.

Tomando essa citação isoladamente, parece que o estruturalismo estaria restrito ao estudo das línguas, mas ele está também presente na teoria e na crítica da antropologia, da psicanálise, da filosofia, apenas para citar alguns outros campos do saber. Na linguística, temos Ferdinand de Saussure com o Curso de Linguística Geral, texto publicado em 1916, por seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, dando os fundamentos não só do estruturalismo linguístico mas também do próprio estruturalismo como uma nova abordagem científica. Na antropologia, temos Claude Lévi-Strauss utilizando essa mesma perspectiva no estudo das organizações simbólicas da cultura. Ao estudar os mitos, este antropólogo mostrou a existência de estruturas que se repetiam nos mitos de muitas culturas diferentes.

Na análise dos modos de organização social, ideológica e política temos Michel Foucault, Louis Althusser para citar dois apenas nos quais tudo se dá dentro de um sistema, desde os elementos mais simples da instituição social e política até os mais complexos.

Diante do exposto, conclui-se que seria mais adequado falar em estruturalismos (no plural) do que em estruturalismo já que em cada área onde ele se desenvolveu apareceram modos um tanto particularizados de sua aplicação para a devida adequação ao novo campo do saber. Atente para o seguinte: como tudo o que ocupa lugar no mundo tem um modo de organização, tudo tem uma estrutura. Hjelmslev diz que estrutura é “uma entidade autônoma de dependências internas”. Jean Pouillon no Prefácio que escreveu para o livro Estruturalismo (s.d.) explica que

em oposição ao atomismo que isola os termos de um conjunto onde eles aparecem apenas justapostos, o estruturalismo consiste em procurar as relações que dão aos termos que elas unem um valor de posição num conjunto organizado [...]. Portanto, o estruturalismo implica duas ideias: a de totalidade e a de interdependência.

Qualquer teoria ou interpretação que tome o seu objeto de estudo como um sistema de relações constituindo um todo é uma teoria estrutural. A estrutura não é um conjunto de partes independentes entre si, mas um conjunto que é concebido como partes que interagem entre si e só subsistem nessa relação com elas mesmas e com o todo.

No que diz respeito à literatura, o estruturalismo se preocupou em afastar os estudos literários da dependência de explicações genéticas, soci-

ológicas, psicológicas, dentre outras, todas elas exteriores à literatura. O que ele pretende é manter seus estudos no âmbito interno da obra, ou seja, do mesmo modo que o formalismo russo quis criar uma ciência imanentista para a língua e a literatura, os estruturalistas se voltaram para a realidade interna da obra: seus elementos constituintes e suas interrelações.

A título de comparação, podemos relembrar que a crítica formalista procura explicar a forma, os procedimentos, as características próprias do fenômeno literário. Para conseguir esse intento partiu das distinções entre a linguagem poética e a linguagem ordinária do discurso comunicativo no dia a dia. Por outro lado, também se ocupou com os modos, as formas de construção do texto narrativo como o conto e o romance. Procurou fazer a distinção entre o romance e a novela. Dentro do campo das teorias narrativas, marcou a diferença entre a fábula e a intriga, deu importância considerável ao tempo no romance, destituiu a velha separação entre a forma e o conteúdo, passando a ver a forma como o conjunto da obra, como o todo que mostra a obra enquanto uma unidade. A obra não é o somatório de partes isoladas, de categorias isoladas nelas mesmas, desarticuladas entre si, mas a combinação e o relacionamento delas, organizando um todo. Como já vimos, para os formalistas, têm grande importância os conceitos de sistema e função. Por sistema eles compreendem o conjunto de elementos que vivem numa relação de dependência uns dos outros formando um todo organizado e apresentando uma finalidade específica. Nesse sentido, todos os elementos têm uma função, que é a capacidade de cada um relacionar-se com os outros e com isso cada um relacionar-se com o todo.

O estruturalismo também segue a ideia de sistema e daí concebe a construção de modelos organizados pelo crítico a fim de revelar as estruturas constituintes da obra. Não são modelos fechados que serviriam para qualquer objeto de estudo, porém modelos que levam em consideração a natureza dos objetos examinados. Os modelos construídos na linguística não são exatamente os mesmos construídos para a análise dos fatos antropológicos, sociológicos ou psicológicos. Como dissemos há pouco, o estruturalismo parte sempre de uma análise interna, imanente, intrínseca do objeto estudado. A crítica literária estruturalista procura deixar de fora os fenômenos sociais, filosóficos, psicológicos enquanto dados da realidade existencial. Se conexões podem ser estabelecidas com tal realidade, estas ocorrem como estruturas que podem ser interrelacionadas na própria obra, portanto, não terão valor de explicação fora do texto, mas se constituirão como entidades discursivas que se apresentam dentro do sistema literário.

Já foi dito várias vezes – e isso para que você fixe bem o valor da noção de relação dentro de um sistema – que à análise estrutural interessa lidar com a obra como uma série de elementos que se relacionam entre si e dessas relações nasce uma totalidade, mas a prioridade não é dada ao todo, mas às interrelações dos elementos. O todo serve como base que apoia o

### Roland Barthes

(1915 – 1980)

Semiólogo francês cujo pensamento também é estruturalista. Seu pensamento teve grande penetração nos círculos intelectuais da Europa e da América. Escreveu: *O grau zero da escritura* (1953); *Mitologias* (1957); *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977); entre muitos outros.

conjunto do sistema e ao mesmo tempo é efeito dele. Como contribuição da fenomenologia para o estruturalismo podemos indicar a visão desse todo implicado na obra, e como uma das várias contribuições do formalismo russo podemos apontar a noção de relação, interrelação, interdependência dos componentes da obra.

Apesar de o Círculo Linguístico de Praga ter sido fundado em 1926, a grande difusão do estruturalismo deu-se a partir da França que, na década de 1960, conheceu um intenso trabalho de intelectuais no campo da literatura. Esses trabalhos estruturalistas ultrapassaram muito os estudos literários, estendendo-se a diversas outras áreas, e os teóricos russos tornaram-se muito mais conhecidos, particularmente Roman Jakobson. Outros despontaram e tornaram-se figuras exponenciais. É o caso de **Roland Barthes** e **Tzvetan Todorov** nos estudos sobre a narrativa; **Jean Cohen**, nos estudos da linguagem poética; **Julia Kristeva**, nos estudos de semanálise (para os quais ela tinha como fundamento o pensamento do russo Mikhail Bakhtine); **Émile Benveniste**, na lingüística; **Jacques Derrida**, no desconstrutivismo; **Claude Lévi-Strauss**, na antropologia; **Jacques Lacan**, na psicanálise; **A. J. Greimas**, na semântica e vários outros que fizeram do pensamento estrutural o eixo de suas reflexões.

### A. J. Greimas

(1917 – 1992).

Embora nascido na Lituânia, é conhecido como um linguista francês, e um dos fundadores da Escola Semiótica de Paris, tendo contribuído também para a teoria da narrativa.

## CONCLUSÃO

Diante da constatação de inexistência de um método estrutural que dê conta das múltiplas ciências em que o estruturalismo penetrou, podemos dizer que não há um estruturalismo, mas vários estruturalismos. Como salienta o professor português Eduardo Prado Coelho, “não existe um estruturalismo ideal, tal como é inútil procurar um cartesianismo ideal ou um marxismo ideal”. Na verdade, o estruturalismo vai se manifestando nos espaços de saber onde penetra.

A crítica estruturalista, portanto, explica a obra literária a partir de modelos linguísticos, procurando afastar-se de interpretações ideológicas. A literatura, salvo pelas análises feitas através da interação de estruturas, ficou então divorciada da conjuntura social, política, filosófica ou de qualquer outra que extrapolasse os limites da língua. A narrativa ficou restrita ao campo da linguagem, encontrando no próprio sistema literário a razão de ser da obra.

Nesse sentido, o estruturalismo é avesso à realidade histórica. A própria história da literatura era vista como transformações articuladas, um sistema onde as formas literárias oscilavam de valor a depender de cada momento. Assim, se procurou o movimento da história literária dentro do próprio movimento das formas da literatura.

## RESUMO

Como o próprio nome está sugerindo, o estruturalismo está preocupado com a maneira como as formas constituintes do objeto estão se relacionando entre si e com o todo.

A estrutura é um sistema de relações que dá identidade ao conjunto geral e ao mesmo tempo mostra a oposição que existe entre as partes.

O estruturalismo não é um método. É um modo como o investigador se coloca diante de um objeto do conhecimento para analisá-lo.

O estruturalismo não se aplica apenas à literatura, mas também à língua, à sociologia, aos estudos culturais, aos mitos entre outros.

O estruturalismo parte da ideia de sistema e daí constrói esquemas de análise que revelam estruturas presentes na obra.

Os esquemas de análise ou modelos elaborados dentro do estruturalismo não são únicos para todos os estudos, pois cada ramo do saber pede modelos adequados a ele.

O pensamento estruturalista foi alvo do interesse de estudiosos como Roland Barthes, Tzevetan Todorov, Júlia Kristeva, Émile Benveniste, Lévi-Strauss, Jacques Locan, Foucault, Jacques Derrida, A. J. Greimas, entre muitos outros.

## ATIVIDADES

1. Ao estudar a crítica estruturalista, você percebe que está trabalhando uma das correntes imanentistas dos estudos literários como o é também a crítica formalista. Reconhecendo que, apesar deste dado comum, há divergências entre elas, escreva com suas palavras algumas dessas diferenças e explique cada uma.
2. Por que o estruturalismo, tendo surgido dentro do campo da língua, estendeu-se para vários outros campos do conhecimento?
3. Que contribuições do formalismo russo e da fenomenologia podem ser encontradas no estruturalismo?

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Nesta Aula, você teve uma breve explicação de um assunto vasto. Sendo assim, procure não se limitar a ela para dar suas respostas. Enriqueça o seu estudo fazendo a leitura do capítulo V, intitulado *A crítica textual* do livro *Métodos críticos para a análise literária* de Daniel Berger e outros. Também recomendo a leitura do capítulo *Princípios da análise formal e estrutural* do livro *A Crítica literária* de Jérôme Roger.

## Jacques Derrida

(1930 – 2004).  
Conhecido como um pensador francês, mas nascido na Argélia, seu pensamento recebeu uma grande influência das ideias de Freud e de Heidegger. É considerado um pós-modernista com sua visão desconstrutivista. Alguns não o consideram um filósofo mas um pseudofilósofo.

## Claude Lévi-Strauss

(1908 – 2009).  
Desenvolveu seus estudos principalmente na área da antropologia e da etnologia. Este pensador belga tomou como fundamento dos seus estudos pressupostos linguísticos e com ele deu impulso aos estudos antropológicos. É considerado o pai da antropologia estrutural. Ensinou sociologia na USP (São Paulo) entre 1935 e 1939 como membro de uma missão francesa. Sua obra *As Estruturas Elementares de Parentesco* é sua tese de doutorado na Sorbone.



### PRÓXIMA AULA

Você vai tomar conhecimento de uma corrente chamada crítica angloamericana. Nela haverá vários aspectos que já são conhecidos nesta teoria que acabamos de ver, mas haverá outros que vale a pena você conhecer.

### REFERÊNCIAS

- BERGER, Daniel et alii. **Métodos críticos para a análise literária**: leitura e crítica. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COELHO, Eduardo Prado. (org) **Estruturalismo**: antologia de textos teóricos. Lisboa: Martins Fontes, s.d.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- EIKHENBAUM, Boris. **Teoria da literatura**: formalistas russos. Porto Alegre: globo, 1976.
- RALLO, Elisabeth Ravoux. **Métodos de crítica literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ROGER, Jerome. **A crítica literária**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- TRASK, R.L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

## A NOVA CRÍTICA ANGLOAMERICANA

### **META**

Apresentar as características fundamentais da nova crítica angloamericana

### **OBJETIVOS**

Ao final desta Aula, o aluno deverá:

reconhecer o pensamento específico do *New Criticism*;

relacionar as aproximações entre essa corrente e as demais correntes immanentistas do século XX, particularmente o estruturalismo;

trabalhar as razões sócio-históricas que levaram ao surgimento do *New Criticism*.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Reveja a Aula 6.